

VITOR JULIO

redescobrimo o

MINISTÉRIO
PASTORAL

a partir do

Relacionamento

Redescobrimo o ministério pastoral a partir do relacionamento

© 2018 de Vitor Julio

2ª Edição: Julho de 2018

Todos os direitos reservados por;

EDITORA KOINONIA

Rua Lindolfo de Azevedo, 1793 - Jd. América

Belo Horizonte - MG - CEP 30421-428

TEL: (31) 3657-5799

www.editorakoinonia.com.br

Nenhuma parte desta publicação poderá ser utilizada ou reproduzida - em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação etc. - nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização do autor.



REDESCOBRINDO O MINISTÉRIO PASTORAL A PARTIR DO RELACIONAMENTO

Está obra tem como objetivo fomentar discussões sobre o modelo pastoral descrito nas Escrituras Sagradas contrastando-o ao modelo da atualidade, para quem sabe criar fissuras para pensarmos em um redescobrimento do Ministério Pastoral onde Igreja, membro e pastor se fundem no mesmo propósito, tendo como fundamento o relacionamento de Jesus com a comunidade do seu tempo. Creio que será também uma excelente ferramenta para aqueles que almejam e possuem chamado para esta fantástica missão.

Quando estudamos os Sinóticos e as recomendações de Paulo aos líderes nas cartas pastorais, somos convencidos de que existe a necessidade de uma redescoberta do Ministério Pastoral na igreja da atualidade. Como deve ser um pastor? O que pode fazer o pastor? Quais as estratégias do pastor na modelagem de um ministério contemporâneo que esteja em conformidade com os preceitos bíblicos? Pastoras. Têm base Bíblica para ordená-las? Qual o papel da igreja e de cada membro individualmente e o relacionamento que precisa desenvolver para a sustentação de um Ministério Pastoral bem sucedido? Estas são questões reais e latentes que atravessam tanto o pensamento de muitos pastores como o do seu rebanho.

SUMÁRIO

Introdução.....	07
Minha vida, meu chamado, meu ministério	11
Capítulo 1 - O chamado pastoral nas escrituras sagradas.....	17
Capítulo 2 - Um olhar cristológico para o ministério pastoral	29
Capítulo 3 - A ética no ministério pastoral	51
Capítulo 4 - O ministério pastoral nos dias atuais e a necessidade de seu redescobrimento para o crescimento do reino de Deus	53
Considerações finais	63
Referências Bibliográficas	65

INTRODUÇÃO

Dúvida, confusão, incerteza, insegurança, dubiedade, crise, oscilação, transição... Sentimentos! Verdadeiros fluxos de sentidos e sensações têm provocado e atravessado a vida dos cristãos e/ou líderes religiosos da comunidade evangélica do século XXI. Isto porque o mundo tem sido interpelado por uma série de mudanças, provocadas por inúmeros fatores, como as revoluções trabalhistas, o desenvolvimento tecnológico e, principalmente, a globalização. A igreja, por fazer parte dos segmentos da sociedade, não está apartada dessas transformações, pelo contrário, tais mudanças adentram os templos, as práticas pastorais, os cultos, as classes bíblicas, métodos de evangelização, as relações entre os irmãos, a vida! Toda essa transformação tem colocado a prática de muitos cristãos em dúvida. Nesse sentido Macarthur (2008) explica que com o advento da contemporaneidade, surgiu dentro de uma parcela da comunidade cristã o receio de que tais mudanças, incontestáveis dentro da igreja, estejam envergando-se para uma doutrina menos bíblica e mais “humana”, o que seria condenado por Jesus. Esses dilemas nos levam a pensar sobre a figura do pastor, uma vez que este é o responsável por guiar e orientar os membros de sua congregação no caminho da salvação, cuja própria atuação também tem sido moldada pela modernidade.

Tais premissas nos levam a diversos questionamentos entre eles: qual deveria ser o posicionamento do pastor no que tange

ao ser e fazer no ofício pastoral? Quais as estratégias do pastor na modelagem de um ministério contemporâneo que esteja em conformidade com os preceitos bíblicos? E a Igreja, qual a sua missão fundamental para auxiliar na busca do redescobrimento do Ministério Pastoral de forma que atenda as expectativas no olhar de Jesus e do Apóstolo Paulo? Não se pode pensar o Ministério Pastoral sem atribuir esses três elementos: Pastor, rebanho e igreja. Não se pode pensar o Ministério pastoral somente com os holofotes na figura do pastor, seria injusto, incoerente com as Escrituras sagradas e até desumano.

Diante destes questionamentos surge uma interrogação: De que forma a igreja cristã pode redescobrir o Ministério Pastoral, com base nas escrituras sagradas, para responder aos questionamentos impostos pela própria comunidade evangélica?

O objetivo principal desta obra é exatamente fomentar discussões sobre o modelo pastoral descrito nas Escrituras Sagradas contrastando-o ao modelo da atualidade, para quem sabe criar fissuras para pensarmos em um redescobrimento do Ministério Pastoral, tendo como fundamento o relacionamento de Jesus com as pessoas do seu tempo, e claro, buscar um enquadramento nos requisitos apresentados por Paulo na 1ª carta pastoral destinada ao jovem líder Timóteo. Todo este trabalho justifica-se pelas incertezas que circulam no atual cenário do Ministério Pastoral da igreja cristã, haja vista que em tempos de modernidade as pessoas estão sempre em busca de respostas concretas, na esperança de uma vida cristã saudável, tendo como princípio as escrituras sagradas. Nesse percurso o pastor é

o personagem fundamental que guiará seu rebanho em direção a Cristo, conforme os preceitos bíblicos. Além de sua relevância acadêmica no sentido de produzir estudos teóricos que auxilie pesquisadores em suas produções intelectuais, também é base para pastores e igrejas na construção de seus estudos bíblicos e inclusive nas pregações.

O texto será organizado e apresentado em capítulos construídos com base no levantamento bibliográfico, indexados em periódicos acadêmicos, livros, revistas e outros textos afins, bem como os textos bíblicos. Quero deixar claro que todos os argumentos apresentados aqui serão sempre fundamentados e não tenho pretensão e evitarei usar de minha própria visão ministerial, apesar de dar minhas opiniões, mesmo porque, o meu desejo é que você independente de denominação, estilo de liderança ou modelo pastoral possa ter um material isento de posições doutrinárias que infelizmente muitos o fazem. Deus nos abençoe!

MINHA VIDA, MEU CHAMADO, MEU MINISTÉRIO

Nasci no Vale do Aço (Dionísio) em uma família de 13 irmãos. Quando cheguei na cidade de Santa Luzia (MG) meu irmão mais velho (falecido) já havia convertido e era um jovem atuante na igreja, inclusive à frente de alguns trabalhos de evangelização na igreja que congregava. Por influência desse meu irmão a minha mãe também se converteu. A partir da conversão da minha mãe, o restante dos irmãos passaram a sofrer com o distanciamento que houve entre meus pais devido ao fato de termos dentro de casa dois “crentes”, contudo o Espírito Santo transformou verdadeiramente minha mãe que suportava toda a espécie de humilhação da parte do meu pai. Crescemos com uma vida religiosa exemplar na igreja católica, pois meu pai era um sujeito que não abria mão de levar todos os filhos à missa aos domingos de manhã e de participar de todos os eventos da paróquia que congregávamos. Ninguém jantava e dormia em minha casa antes de rezar um terço, ou seja, 53 “Ave Marias” e 10 “Pai Nosso” mais uma ladainha e uma sequência enorme de outras rezas antigas, sem contar nas quartas-feiras que depois do terço rezado, ainda tinha uma ministração na Rádio Aparecida (AM) do Padre Vitor Coelho de Almeida (daí meu nome). Após os 17 anos, tive um conflito com o meu pai e não mais rezava com o restante dos meus irmãos, que nesse tempo, dois deles também já tinham abandonado esse momento de comunhão

em nossa casa, por questões de trabalho. Comunhão sim, isso nos mantinha em paz e conservava os valores em nossa família. Infelizmente hoje as famílias das nossas igrejas não promovem culto em seus lares, e a maioria dos líderes não fazem e nem incentivam a essa prática. Considero um grande fator de risco para a desarmonia e fragmentação do lar cristão, resultando em um grupo de membros frágil e imaturo, que dará muito trabalho ao seu Pastor.

Minha conversão se deu de fato aos meus 18 anos por influência de minha mãe e do meu irmão mais velho, que trouxe o Evangelho para dentro da nossa casa, não pregando e tentando nos convencer de sua crença, mas com o seu testemunho de vida, e da forma como se entregou a serviço do reino de Deus. Eu tinha a plena convicção de que para ser salvo jamais poderia sair da igreja Católica Apostólica Romana. Foi em um dos cultos que eu havia sido convidado por um líder de jovens daquela igreja (hoje meu pastor auxiliar) que após ter entendido o que Paulo escreveu aos Efésios 2:8-10 *“Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus. Não vem das obras, para que ninguém se glorie; Porque somos feitura sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas.”* E uma música do grupo Voz da verdade *“A imagem de Deus”* cantada por aqueles irmãos com tanto fervor que meus olhos se abriram e compreendi exatamente o que é ser salvo. *“Não poderia esquecer aqui de uma adolescente que já estava apaixonada por um jovem recém-convertido e orava incansavelmente pela sua conversão e que se tornasse um dia o seu marido (estou falando da minha esposa hoje). Foi um desafio para mim, pois nesse*

momento da minha vida não tinha nenhuma relação com o meu pai, e a essas alturas distanciamos mais ainda um do outro. Lembro-me no dia em que ouvi uma pregação sobre o perdão, e foi tremenda a forma com que o Espírito Santo me convenceu.

Tive a oportunidade pela primeira vez em minha vida de abraçar e receber um abraço de verdade do meu pai. Choramos e sorrimos juntos naquele dia! Dois anos se passaram e assim que meu pai abandonou algumas práticas do catolicismo e estava em harmonia com toda a família Deus o recolheu. Depois de mais alguns anos a igreja onde eu havia recebido o novo nascimento se dividiu por questões de falta de diálogo da liderança. Ciúmes, inveja, raiva e outros sentimentos penetraram no seio da liderança. O desastre foi inevitável, mas poderia ter sido diferente, muito diferente.

Dando um salto na história, tive a oportunidade de liderar uma congregação juntamente com a minha esposa na mesma cidade em 2005 pela primeira vez. Eu era o porteiro da igreja, ministro de louvor, pregador, secretário e tesoureiro. Minha esposa teve um papel fundamental no início do meu Ministério como tem até hoje. Posso afirmar que sem ela não daria conta e a considero muito mais pastora do que eu pastor. Fiz muitas viagens missionárias com um Ministério de Louvor “Acordes”, na companhia de mais três pastores fantásticos (Pastor Paulo, Pastor Moacir e hoje pastora Cleusa) — “Nossa!...Que saudades daquele tempo”

Foi daí, que tive plena consciência de que Deus me Chamava para uma nova etapa da minha vida. Assumi a liderança de

uma Congregação Batista mesmo vindo de uma igreja Pentecostal. Ingressei-me na Faculdade Batista de Minas Gerais onde fiz grandes amizades e adquiri muita experiência e logo depois recebi o Título de Bacharel em Teologia pelo instituto Metodista Izabela Hendrix. Especializei-me em Teologia do Novo Testamento Aplicada pela Faculdade Batista do Paraná e me capacitei em outras áreas em cursos de segurança Pública. Um dos motivos inspiradores para escrever esse livro foi a partir de 2013, quando fui submetido a um “Pré-concílio Batista” como candidato ao Ministério Pastoral e entrar para a Ordem dos Pastores Batistas do Brasil. Fui naquele dia orientado a aguardar 180 dias e reavaliar minha opinião sobre alguns pontos sobre Dons espirituais e ainda, por ter vindo de uma igreja pentecostal teria também que me batizar novamente por um pastor batista. Você deve estar se perguntando: batizar novamente? Sim. É o que dizia alguns ortodoxos que estavam á frente daquele Concílio que mais parecia um “sinédrio”, pois nem todos eram unânimes em muitas questões teológicas e nem mesmo da doutrina batista. Foi frustrante para mim, eu confesso. Saí de lá naquele dia com muitas interrogações.

Continuei cuidando da minha comunidade que hoje se tornou autônoma após um concílio reunido pela Convenção Batista. A congregação que começou a 9 anos atrás, no espaço de uma pequena loja, com um grupo pequeno de irmãos, para muitos sem expressão, e para muitos outros não iria tão longe, se tornou pela misericórdia Deus a Igreja Batista Atos, com uma sede própria, com projetos sociais, com trabalhos missio-

nários no Vale do Jequitinhonha, com mais uma igreja com sede própria e casa pastoral, um ministério de louvor dividido em três equipes, quatro pastores, uma juventude unida e atuante e ministérios liderados com excelência. Tenho consciência e digo que toda a honra, toda a glória e todos os méritos para esse sucesso, são do Senhor. Tenho enfrentado vários desafios que todo e qualquer pastor sofre, mas Deus tem tido misericórdia da minha vida e tem me sustentado. Muitos líderes passaram pela minha vida e foram me ajudando a construir pontes seguras para o sustento do meu ministério e Deus irá recompensá-los por tudo que fizeram por mim e minha família. Não me batizei outra vez, só para constar. Meu Chamado, meu ministério se deu e se tornou claro em meu coração a partir da minha comunhão diária com Deus e do relacionamento saudável construído ao longo da minha liderança e confirmado por muitas pessoas experientes na fé que me honraram. Deus foi me dando direção e as coisas foram se desenvolvendo de forma natural, mas sempre buscando do Espírito Santo compreensão com base nas Escrituras. Confiança, compromisso, pontualidade e o amor por missões têm sido marcas fundamentais em minha igreja. Que as próximas linhas possam te fornecer ferramentas fortes e afiadas o suficiente para te auxiliar, esclarecer e te incentivar a redescobrir o seu Ministério Pastoral e obter êxito no seu Chamado, e que possa ter um rebanho saudável, produzindo lã de primeira qualidade para o Reino de Deus.

CAPÍTULO 1

O CHAMADO PASTORAL NAS ESCRITURAS SAGRADAS

Considerando o objetivo primordial que rege minha pesquisa, apresentarei inicialmente, com base nas escrituras sagradas, um panorama do chamado pastoral nas Escrituras Sagradas, buscando destacar as características que a palavra do Senhor determina para uma boa atuação do pastor em seu Ministério. Os textos selecionados como Norte da pesquisa encontram-se na carta de Paulo ao seu discípulo Pastor Timóteo (I TM 3: 1-7). Utilizaremos nesse momento de comentadores e teóricos para fundamentar as discussões. Em seguida, apresentaremos uma leitura do Ministério Pastoral da atualidade. A intenção não é promover uma comparação do Ministério Pastoral dos primeiros séculos com o de hoje, porém, será apontada a distância que os modelos Pastorais se encontram e quais seriam possíveis formas de buscar a sua redescoberta a partir do relacionamento dentro da comunidade.

Exegeticamente, no Novo Testamento a palavra Pastor, como ofício ministerial, é encontrada uma só vez, em Efésios 4.11, *“E ele designou alguns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres”*, e vem da palavra grega “POIMEN”, que significa: apascentador, guarda, aquele que conduz um rebanho ao pasto, sustentador. Um dos signi-

ficados da palavra pastor, dentre muitos, é a arte de cuidar e cuidar-se. Elias Gomes de Oliveira, pastor e colaborador de OJB em seu texto: “Pastoreamento da esperança” diz que: A arte do pastoreamento é a amorosa arte de abençoar. Amorosa arte de salvar, curar, vivificar. O Novo Testamento destaca Jesus como Supremo Pastor, uma vez que, Ele pastoreou de forma amorosa, efetiva e eficaz. No dicionário da língua portuguesa, cuidar é zelar pelo bem-estar, pela saúde de outra pessoa, de si mesmo. Em linguagem teológica, bênção, amor e salvação. São várias as referências no Novo Testamento que mostram claramente que os presbíteros não se diferenciam dos bispos ou pastores, como oficiais ou ministros das igrejas. Dependendo da versão da Bíblia a ser utilizada, as palavras “Presbíteros”, “Bispos”, e “Pastor”, eram usadas em referência à mesma pessoa. O termo Presbítero remete à dignidade e prestígio do Pastor e Ministro, enquanto que bispo aponta para o tipo de função que ele mesmo exerce. Em Atos 20, os oficiais da Igreja em Éfeso são chamados tanto de “Presbítero”, como de “Bispos”. O mesmo se lê em I Pe 5.1,2, “Portanto, apelo para os presbíteros que há entre vocês, e o façam na qualidade de presbítero como eles e testemunha dos sofrimentos de Cristo, como alguém que participará da glória a ser revelada: Pastoreiem o rebanho de Deus que está aos seus cuidados. Olhem por ele, não por obrigação, mas de livre vontade, como Deus quer. Não façam isso por ganância, mas com o desejo de servir”, aqui os “Presbíteros” tem a função de Pastorear o rebanho de Deus. Portanto a palavra Pastor é a forma mais comum de designação dos Bispos e Presbíteros. Nenhuma das três palavras tem a ver com hierarquia utilizada na Igreja

hoje. Alguns até exageram na “hierarquia eclesiástica” criando uma relação enorme de cargos, funções e ministérios. Uma onda de ciúmes, de desentendimentos e uma busca desenfreada por promoções na igreja atropelando princípios bíblicos surgem em meio a tudo isso. Hoje tem até “Apostolo”. Infelizmente se continuar assim, teremos por pouco tempo um “sub- Jesus”. Não sei onde buscam base pra tudo isso, até porque, se for falar de oficiais na igreja, encontraremos somente Pastores e Diáconos. Não sei exatamente o porquê, mas a Pós-Modernidade trouxe consigo novas concepções do pastorado. A figura do pastor perdeu certa representatividade, isto porque no século atual o pastor é percebido como um elemento “desnecessário” para a formação cristã dos indivíduos (MISTER, 2006).

Nesse sentido, Caldeirão (2014) explica que tal visão tem culminado na substituição deliberada de pastores por diversos outros modos de mentoria espiritual. Uma crescente de publicações de livros de autoajuda, profissionais que atuam na área familiar, financeira e espiritual que vai de certa forma ofuscando a figura e a missão do pastor. Percebe-se também nesse fenômeno que há, por parte dos cristãos, um egoísmo. Busca-se cada vez mais uma espiritualidade descompromissada, voltada para o uno, não há uma preocupação com o outro, o **“próximo”** (veremos sobre isto mais adiante). A vida espiritual muitas vezes é pautada sob a ótica do próprio indivíduo, em um sentido unilateral, isto é, o indivíduo e Deus em única e exclusiva função das “benesses” provenientes da relação. Toda essa visão “pobre” que circundam as concepções do pastor torna-se um problema

de primeira ordem, visto que este homem tem uma importante missão dada pelo próprio Deus, e respaldada nas escrituras sagradas, para guiar seu povo no caminho espiritual (LIBÂNEO, 2002). Nesse sentido, Baxter (1989, p. 8) declara que "Para o cristão, a Bíblia é o texto básico para leitura espiritual. Todas as outras leituras devocionais são secundárias e jamais deverão substituir as Escrituras". O pastor é, teoricamente, o homem escolhido por Deus para levar a sua mensagem aos outros povos¹. Não pretendo neste capítulo focar teologicamente o seu Chamado, nem trabalhar conceitos e função pastoral, pois muitos outros autores já tem tratado de forma específica o assunto, mas só pra ficar claro, é o responsável por preparar e ou coordenar as pregações no culto, cuidar do que está sendo servido de alimento para o seu rebanho, de anunciar a palavra nas visitas, acolhidas, aconselhamentos e uma diversidade de demandas em sua comunidade que requer dele: tempo, atenção, zelo, disposição, acima de tudo, amor.

O apóstolo Paulo, diante da importância do pastor, exorta o jovem Pastor Timóteo, dizendo-lhe com firmeza:

Procure apresentar-se a Deus aprovado, como obreiro que não tem do que se envergonhar e que maneja corretamente a palavra da verdade. Evite as conversas inúteis e profanas, pois os que se dão a isso prosseguem cada vez mais para a impiedade. (SAGRADA, 2009, p. 953).

¹ É importante destacar que não se tem a pretensão de polarizar o pastor como o único que pode estudar as Santas Escrituras. Pelo contrário. Deus orienta que todos devem estudar as Sagradas Escrituras, mas que isso, colocar seus ensinamentos em prática.

A respeito do enunciado acima, depreende-se alguns princípios para a excelência no exercício da função pastoral, como: a) apresentar-se ao Deus todo poderoso em aprovação; b) não envergonhar-se de suas atitudes e ações; c) utilizar de forma apropriada das escrituras sagradas; d) Evitar possíveis conversas inúteis e profanas.

Destes princípios, interessa-nos o primeiro, qual seja: *a) apresentar-se ao Deus todo poderoso em aprovação*, isto porque tal orientação provoca-nos a seguinte indagação: quais as qualidades necessárias para essa aprovação divina? Quais seriam as orientações das escrituras sagradas acerca do chamado pastoral? Qual o perfil deste homem? Quais preceitos seguir e quais negar? Essas são questões respondidas pelo próprio apóstolo Paulo no livro de Timóteo ao descrever uma série de requisitos para um bom exercício do pastorado. Nas linhas que se seguem apresentaremos, portanto, estas características de um modelo pastoral, as quais “deveriam ser” base para os pastores atuais.

O apóstolo Paulo, no livro de I Timóteo (3:1-7), inicia sua argumentação asseverando que aquele que deseja um pastorado por excelência, deve antes de tudo:

Esta afirmação é digna de confiança: se alguém deseja ser bispo, deseja uma nobre função.

É necessário, pois, que o bispo seja irrepreensível, marido de uma só mulher, sóbrio, prudente, respeitável, hospitaleiro e apto para ensinar; Não deve ser apegado ao vinho, nem violento, mas sim amável, pacífico e não apegado ao dinheiro. Ele deve governar bem sua própria

família, tendo os filhos sujeitos a ele, com toda a dignidade. Pois, se alguém não sabe governar sua própria família, como poderá cuidar da igreja de Deus? Não pode ser recém-convertido, para que não se ensoberbeça e caia na mesma condenação em que caiu o diabo. Também deve ter boa reputação perante os de fora, para que não caia em descrédito nem na cilada do diabo. (SAGRADA, 2009, P. 973).²

A carta como já mencionado foi escrita pelo apóstolo Paulo³, porém não se sabe ao certo o período histórico. Nesse sentido Horster (1996) assevera que as epístolas pastorais foram escritas logo após a primeira prisão de Paulo em Roma. Independente do contexto histórico-social, o que se tem de certeza é que Paulo escreveu as cartas pastorais destinadas a Timóteo, com o objetivo primordial de orientá-lo acerca da eleição dos futuros oficiais da igreja que passariam a atuar em seu Ministério. Assim, pontuados (LAUTER, 2014)

No versículo segundo, o apóstolo pontua o caráter *irrepreensível* do pastor. Quanto a isto, é preciso salientar que não tem a pretensão de designar um servo pastoral totalmente

2 Observa-se no fragmento textual que não há a presença o termo “pastor”, todavia fala-se a respeito daquele que almeja “ser bispo”, ou ainda “que almeja o episcopado”. Contudo, é correto afirmar que tal termo equivale à figura do pastor presente na sociedade atual.

3 Existe uma série de divergências entre estudiosos quanto a autoria das cartas paulinas. Existe um grupo de teóricos que apontam que não foi Paulo quem escreveu as cartas presentes no livro de Timóteo, todavia o tema demanda de uma discussão mais aprofundada e não é esse o objetivo da pesquisa. Portanto, adotaremos o posicionamento majoritário sobre a autoria do apóstolo Paulo.

livre de erros. O que se precisa levar em conta é o fato de que a própria Bíblia Sagrada orienta o cuidado na escolha do pastor, é preciso investigar sua vida pregressa para obter referências de uma reputação ilibada, dotada de excelentes testemunhos. Assim, podemos entender que irrepreensível não trata apenas de possuir uma boa imagem perante a sociedade, mas também de um bom testemunho com Deus (SILVA, 2014).

Ainda no versículo segundo, o pastor deve ser ***o marido de uma só mulher***. Este trecho do versículo por muito tempo foi alvo de muitos questionamentos. A princípio pensou-se que se tratava de uma negação ao celibato, isto é, que o pastor deveria casar-se, constituir família. Uma segunda corrente pensa esse fragmento como uma ordem de um único casamento, ou seja, durante toda a sua vida o pastor somente poderia se casar uma vez, ainda que sua solidão seja fruto de divórcio ou viúves. Sob o mesmo ponto, há quem defenda que Paulo fala a Timóteo negando a poligamia, todavia o pastor poderia se casar outra vez casos de viúves e, por fim, acredita-se ainda que o trecho supracitado fale a respeito da fidelidade do pastor a sua esposa, a sua família (ROMEIRO, 2004).

Diante de tantas correntes de pensamento, a ideia de que o marido de uma só mulher esteja falando da negação da possibilidade de poligamia é mais coerente. Ainda que a fidelidade seja de suma importância no casamento, o fragmento em questão não nos parece tratar do tema. Quanto à possibilidade de um segundo casamento em razão de viúves, não há uma proibição expressa na bíblia. Em casos de separação é difícil encontrar

uma doutrina específica. Assim, o que se pode extrair desse fragmento de forma concisa é o fato de que o pastor deve ter uma esposa e cuidar dela, desviando-se das tentações e imoralidades que atravessam a vida de todo homem e mulher (PETERSON, 2006).

O versículo segundo ainda apresenta características da personalidade ideal do pastor, quais sejam: **sóbrio, temperante ou moderado**, trata-se de um acoplado de palavras que refletem as qualidades de um pastor controlado, prudente, cuja vida é pautada na sobriedade, um autocontrole frente as demandas e problemas de uma congregação (SILVA, 2014). Infelizmente tem pastor bravo demais. Muitas igrejas não respeitam seu pastor e não cuidam dele por amor, mas por enxergar um chefe, um ditador das doutrinas na igreja.

O pastor deve ser ainda **hospitaleiro**. No que concerne a esta característica é preciso destacar que seu sentido literal é aquele que ama o forasteiro. Por muito tempo este foi o principal Ministério da igreja primitiva, uma vez que os cristãos viajantes da época precisavam de um lugar para se hospedar, sendo a casa pastoral o local para acolhida. Nesta época em voga era muito comum o sentimento de vergonha ao se hospedar em pousadas (ROMEIRO, 2004). Destaca-se que esta não é uma realidade inerente apenas aquela época, ainda hoje a hospitalidade do pastor e de sua família é de grande valia para a manutenção da comunhão na congregação. Essa hospitalidade não deve ser dirigida apenas aos conhecidos, aos amigos, mas aos cristãos que frequentam a casa pastoral. Vale aqui destacar que

muitos Pastores preferem morar longe da sua igreja para não ser importunados. Essa preferência apesar de às vezes parecer a melhor estratégia, é perigosa no sentido de distanciamento não geograficamente, mas inicia-se um barreira enorme para o relacionamento com sua comunidade. O ideal é que cada igreja tivesse uma casa pastoral. (falo de mim mesmo)

O final do segundo versículo o apóstolo declara que o pastor deve ter *capacidade para o ensino* quanto a isso Lauter (2013, p. 3) explica:

Trata-se de uma característica especialmente necessária aos pastores. Burki afirma que do presbítero esperava-se a capacidade de ensinar. Stott ressalta que é uma qualificação profissional, enquanto as demais, citadas anteriormente, são qualificações morais. Ele também ressalta que os pastores são principalmente professores ou mestres e o que distingue um ministério cristão pastoral é o fato de haver nele a preeminência da Palavra de Deus.

Podemos desprender desse ensinamento que o pastor deve estar sempre buscando o conhecimento e a sabedoria de Deus para qualificar-se no ofício de ensinar. Todavia para ensinar é preciso aprender, debruçar-se nas Escrituras Sagradas, estudá-las com dedicação, para então ensiná-la e utilizar-se delas para orientar seu rebanho. A igreja por sua vez precisa pensar e repensar em investir em seu pastor, no que se refere a uma qualificação teológica, pois tem pastor que por falta de conhecimento teológico e por achar que não precisa e que o Espírito Santo

tem a obrigação de dar a ele tudo “mastigadinho”, tem de forma imprudente levado heresia demais para o seu rebanho. Utiliza-se da metáfora do pastor de ovelhas, para destacar a importância da sua função de ensinar, pois um pastor que não alimenta suas ovelhas com alimento bom e nutritivo acaba perdendo o rebanho, seja por fome ou porque irão fugir para campos abertos (ROMEIRO, 2004).

No versículo terceiro Paulo continua falando do perfil moral deste pastor que é aprovado por Deus, qual seja: ***Não deve ser apegado ao vinho, nem violento, mas sim amável, pacífico e não apegado ao dinheiro.*** As expressões **amável, pacífico e não violento**, tratam de um grupo de palavra que revelam o caráter amável do pastor, que evita contenda, brigas e desavenças. O pastor está mais para um pacificador, do que um agitador. Porém, não se pode confundir com a premissa de que o pastor deverá concordar com posições indevidas na igreja, em especial aquelas que transgridam os ensinamentos sagrados. Nos casos em questões o pastor tem autoridade para discordar, todavia o fará em razão do amor, tornando-se um exemplo aos demais (LAUTER, 2013).

O termo ***não apegado ao dinheiro*** refere-se a uma importante característica, como explica Lauter (2013, p.02).

Essa é uma característica muito importante para o pastor, tendo em vista que este é um administrador das coisas de Deus. Por isso, o pastor não deve ser alguém movido por torpe ganância ou ambição. Nenhum cristão deve ser avarento, mas especialmente o pastor, pois este atua como

“guardião da bolsa da comunidade e como responsável pela assistência aos pobres”.

Percebemos, portanto, que o pastor não deve pensar o trabalho por uma via gananciosa, pois como explica Wiersbe (2006, p.796) “pastores cobiçosos sempre têm negócios paralelos, e tais atividades corrompem seu caráter e servem de empecilho a seu ministério”. Não quero aqui iniciar quaisquer discussões a respeito da “teologia da prosperidade”, mas como está o olhar de Jesus e Paulo para pastores, (também os bispos e apóstolos contemporâneos) terminando o culto e entrando em sua caminhonete de cabine dupla, seu carro que custa muitos Reais, indo para uma churrascaria após o culto, sabendo ele que muitas ovelhas que deixaram sua oferta, seu voto, seu dízimo na igreja, estão retornando para casa a pé e que andarão por mais de uma hora até chegar a sua casa e provavelmente não terá uma refeição antes de dormir com o objetivo de economizar para o almoço no dia seguinte? Creio e defendo que o pastor precisa ser bem sustentado, mas ser bem sustentado não é ser bem “ostentado”. É preciso pontuar também quanto à situação que, em muitos casos, o pastor tem obrigação para com a manutenção da família, e a renda da igreja não lhe permite cumprir essa missão, precisando, portanto, de outros modos de subsistência. Nesses casos há uma clara necessidade de um segundo ofício para sua sobrevivência e não para o seu engrandecimento (SILVA, 2014).

Viver do Evangelho não é levar vantagem com o evangelho. Não me recordo se eu li na Bíblia alguma vez de alguém que não trabalhava, a não ser quando a discussão é sobre a tribo de Levi

que está em outro contexto. Jesus trabalhou e trabalha até agora. Não sou contra pastores que dependem só do salário da igreja como os ditos de “tempo integral”, se de fato tem se dedicado integralmente á igreja, mas considero fundamental ter outro trabalho para completar sua renda, até porque isso o dignifica.

Por fim, os versículos quarto e quinto o apóstolo Paulo ensina Timóteo sobre o seu governo dentro da instituição familiar: *Ele deve governar bem sua própria família, tendo os filhos sujeitos a ele, com toda a dignidade, pois, se alguém não sabe governar sua própria família, como poderá cuidar da igreja de Deus?* Nesse sentido, a orientação de Paulo é que o pastor atue, primariamente, antes de tudo, como um verdadeiro líder na sua casa, na sua família. Esta liderança no seio familiar trata-se, se não, de um treinamento para o exercício da liderança na outra família do pastor, a congregação (ROMEIRO, 2004). A governança dentro do lar é uma forma de avaliação e qualificação dos candidatos ao Ministério Pastoral de uma congregação. Afinal, o pastor que não obtêm êxito na liderança intrafamiliar é, irremediavelmente, desqualificado para atuar como líder de um Ministério (LAUTER, 2014).

Conheço alguns pastores que infelizmente na igreja é uma pessoa, em casa é outra completamente diferente. Filhos insatisfeitos, a mulher não tem liberdade nem direito de cuidar de si mesma. Não promove um passeio com a família, não tem tempo para se divertirem juntos, muito menos tomar uma refeição juntos. A igreja tem a tarefa de não só leva-lo a se conscientizar disso, mas criar meios de proporcionar isso ao seu pastor e sua família. Isso, para que haja de fato uma igreja saudável e um Ministério Pastoral bem sucedido.

CAPÍTULO 2

UM OLHAR CRISTOLÓGICO PARA O MINISTÉRIO PASTORAL

Além dos ensinamentos deixados por Paulo através de suas cartas, podemos pensar o Ministério Pastoral através do exemplo de Jesus Cristo e o seu relacionamento com as pessoas do seu tempo. Não se trata aqui de pontuar uma verdade absoluta acerca de Jesus como único modelo para o Ministério nos dias de hoje. A intenção é pensar em alguns elementos da vida de Jesus que sirva de exemplo para orientar os pastores e toda a igreja da atualidade. Para tanto, estarei me valendo dos estudos de George Wood ao descrever três aspectos do Ministério de Jesus Cristo como uma direção para o redescobrimto do Ministério Pastoral.

O primeiro aspecto do ministério de Jesus é o **Tempo**. O ministério de um pastor comprometido com a obra requer a doação de grande parte de seu tempo. Orações, seminários, visitas, ensinamentos, reuniões, uma variedade de compromissos que se inicia com o nascer do sol e, muitas vezes, transpõe o anoitecer. O pastor precisa seguir pontualmente uma agenda cheia com horários pré-definidos (KISTEMAKER, 1994). Parece que estou falando de um “Super Pastor”, mas não é. O Pastor é mais um que se rendeu à mensagem da cruz como eu e você, contudo, recebeu de Deus um chamado, uma tarefa nobre e especial e que requer

uma dedicação maior que os outros, para que, além de conduzir seu rebanho até Cristo, atue na produção de uma alimentação espiritual saudável e diária para as ovelhas sob seus cuidados.

Quando olhamos para a trajetória de Jesus Cristo, percebemos que seu Ministério era pautado nas interrupções. Embora fosse um homem cheio de compromissos, Jesus não deixava que a rotina e os compromissos o impedisse de realizar suas obras nas pequenas coisas que não estavam agendadas. Ora, Cristo não se levantava e decidia “Hoje serão tantos milagres, tantos ensinamentos”, ao contrário Ele doava seu tempo para as pessoas na ordem do acaso, pois o seu ministério era voltado para as pessoas (WOOD, 2010). Um exemplo dessa assertiva é a narrativa da cura de Jesus que encontramos nos evangelhos sinóticos: Em Mateus 9,19-22; Marcos 5,25-34 em Lucas 8,43-48. A história da mulher com fluxo de sangue. Na ocasião Jairo suplicou a Jesus que o ajudasse “*porque sua única filha, de cerca de doze anos, estava à morte*”. Aquele pedido representava uma interrupção na agenda de Jesus, o qual diante de uma multidão afastou-se dela e foi com Jairo encontrar a enferma. Neste momento “*uma mulher que havia doze anos vinha sofrendo de uma hemorragia e gastara tudo o que tinha com os médicos*” ao avistar Jesus tocou-o na barra de sua vestimenta, curando-se (SAGRADA, 2009). Esse comportamento de Jesus corrobora ainda mais com seu posicionamento quanto às pessoas, muitos são os exemplos que nos mostram que Ele tinha como objetivo uma pessoa de cada vez, seu ministério era com pessoas (DUNN, 2017).

Outro ponto chave no relacionamento de Jesus com as pessoas era o **Toque**. Cristo deixava que as pessoas chegassem até

Ele, seus cultos não terminavam com a oração. Hoje é possível vislumbrar em muitas igrejas pastores que chegam somente na hora da pregação, entram pela porta lateral e, ao terminar o culto, saem pela mesma porta. Não há um relacionamento com a família cristã (WOOD, 2010). Quantas cartas são deixadas de ser respondidas? Quantas ligações são ignoradas, esquecidas? Quantos e-mails não são sequer visualizados. O pastor deve estar pronto para tocar na vida do seu rebanho, assim como Jesus era tocado (KISTEMAKER, 1994). E quanto à igreja? Tem se preocupado com o bem estar do seu pastor? Será que os membros da igreja tem conhecimento de como está a vida do seu Líder? Muitos pastores acabam reagindo negativamente ao seu rebanho por não receber também da sua comunidade o amparo necessário para sustentá-lo em seu Ministério. A igreja fica de um lado e o seu pastor do outro. O tempo passa, os problemas aparecem e muitas vezes o resultado dessa falta de relacionamento é uma igreja morna, doente e sem maturidade e de forma drástica a queda do seu pastor e divisão na igreja.

Vale apenas pontuar a partir deste ponto “como Jesus tratava as pessoas no seu tempo”, para isso, Morris Venden em seu ⁴livro aponta como Jesus se relacionava com a comunidade em seu ministério terreno. Vamos enumerar alguns que considero serem os mais relevantes para o assunto que estamos abordando aqui, lembrando que Venden apresenta em seu livro uma lista muito maior.

4 Morris Venden - COMO JESUS TRATAVA AS PESSOAS Título do Original em inglês: HOW JESUS TREATED PEOPLE. Tradução de José Carlos Ebling Primeira edição Sete mil exemplares 1989

Como Jesus tratou os pecadores conscientes

Precisamos lembrar o que Jesus disse a uma ⁵mulher quando foi arrastada por um grupo enorme de homens a fim de matá-la de uma forma muito cruel, apedrejada, em razão de ter cometido adultério. Ele disse: “Eu não te condeno.” Isto é o Evangelho, contudo, Ele também disse: “Vai e não peques mais.” Isso é sim uma boa nova. Jesus provê poder para vencer o pecado, para obedecer, poder para ser vitorioso. Tem provido perdão para que haja crescimento na vida dos fracos e imaturos.

Tive a oportunidade de ler um excelente artigo de Valdeci da Silva Santos sobre disciplina na Igreja na revista Fides Reformata, Vol. III que buscou apontar os problemas relacionados à disciplina de membros nas igrejas onde o reformador João Calvino considerou a disciplina como uma das marcas que distinguem a igreja verdadeira da falsa. Paulo em sua primeira carta aos Coríntios faz um alerta quanto a negligência na aplicação da disciplina. É preciso tomar ciência de que o objetivo principal do Apóstolo Paulo quanto à disciplina era a salvação daquela alma disciplinada. Esse deve ser o pensamento da igreja hoje quanto a sua aplicação correta em casos de comportamento anticristão contumaz, oração e desejo de arrependimento pelo disciplinado.

Jesus Cristo, em Mateus 18.15-22, fornece de forma detalhada, os passos necessários para o exercício da disciplina. *“Se teu irmão pecar contra ti, vai argui-lo entre ti e ele só. Se ele te ouvir, ganhaste a*

5 João é um autor privilegiado por estar ao lado de Jesus na maior parte do tempo e seu livro foi sendo escrito ao longo dos anos, os cristãos iam lembrando e acrescentando outros episódios da vida de Jesus. Um destes acréscimos é o episódio da mulher que ia ser apedrejada (Jo 8,1-11).

teu irmão. Se, porém, não te ouvir, toma ainda contigo uma ou duas pessoas, para que, pelo depoimento de duas ou três testemunhas, toda palavra se estabeleça. E, se ele não os atender, dizê-o à igreja; e, se recusar ouvir também a igreja, considera-o como gentio e publicano. Em verdade vos digo que tudo o que ligardes na terra terá sido ligado nos céus, e tudo o que desligardes na terra terá sido desligado nos céus. Em verdade também vos digo que, se dois dentre vós, sobre a terra, concordarem a respeito de qualquer coisa que, porventura, pedirem, ser-lhes-á concedida por meu Pai, que está nos céus. Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles. Então, Pedro, aproximando-se, lhe perguntou: Senhor, até quantas vezes meu irmão pecará contra mim, que eu lhe perdoe? Até sete vezes? Respondeu-lhe Jesus: Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete.”

O que Ele aponta primeiramente como forma de disciplinar é o contato individual, pessoa a pessoa. Não se deve esperar que a parte ofensora peça perdão, a iniciativa para ter uma conversa discreta e individual com o nosso ofensor é nossa. Se porventura não foi o suficiente para o crescimento e santificação é fundamental haver um diálogo com dois ou três. Mas antes disso é preciso buscar de Deus sabedoria quanto ao momento adequado para que sejam incluídas mais pessoas com o objetivo de restaurar a vida do irmão faltoso, e com isso, suprir a falta de êxito quando no contato individual. Na recusa do irmão faltoso em atender a segunda tentativa, há necessidade de que toda a igreja se envolva no processo. Amado leitor quero agora te trazer algo que pode ser que seja novo pra você. O texto de Mateus deve ser encarado da seguinte forma: Quando alguém estiver em falta, **testemunhe** você a ele, ou seja, leve a Palavra para que

ambos sejam confrontados por ela, pois ela é viva e eficaz. Caso não seja resolvido, vá e na companhia de outros maduros na fé, **testemunhe** vocês a ele, o que isso quer dizer: levem a palavra e sejam confrontados por ela, pois a palavra de Deus é poder transformador. Se mesmo assim, o faltoso ainda recusar, que toda a igreja, todos os membros sem exceção, **testemunhem**, se esforcem em amor, se empenhem para que haja transformação, restauração na vida dele. Contudo, a recusa às admoestações frente à palavra de Deus deve levar o faltoso estar desvinculado da comunhão com a igreja visível e somente evidências de arrependimento e conversão real poderão restaurar essa comunhão perdida por ele mesmo.

Amado! O objetivo final da disciplina é o arrependimento do disciplinado para que haja de fato salvação. Infelizmente há alguém que ainda defende a ideia de que se deve levar o faltoso à frente da igreja em uma “Assembleia geral” e após fazer uma exposição do pecado praticado, votar ou não quanto à sua exclusão causando ainda mais prejuízos ao reino, pensando que esta reunião de mãos cheias de pedras trará algum benefício para a igreja local. Desculpe, mas não comungo desse método, mas respeito àqueles que assim o fazem.

O poder que Jesus concede está sempre disponível para ir e não pecar mais, mas é a aceitação e o amor de Jesus, o contínuo relacionamento com Ele, que gera esse poder de ir e não pecar mais. A única pessoa que cresce além de seus erros é aquela que sabe que é amada e é aceita mesmo enquanto erra. Os discípulos tinham contínuo relacionamento com Jesus e cometiam pecados

conscientes ao mesmo tempo. Mas embora seja possível ter ao mesmo tempo um relacionamento com Deus e pecados conscientes, mais cedo ou mais tarde um dos dois deixará de ocorrer.

Como Jesus Tratou os Publicanos e Coletores de Impostos

Poderíamos dizer que os publicanos eram funcionários do império romano e atuavam na cobrança de impostos para manter o “caixa do governo”. Pessoas totalmente desprezadas pelo povo em razão da corrupção que era a marca registrada deles. Muitos criticavam Jesus por conviver com esse tipo de gente. Os impostos do império romano eram muito pesados e os publicanos muitas vezes cobravam ainda mais, enriquecendo à custa da miséria das pessoas. Vale lembrar que os judeus, que não gostavam do domínio romano, sentiam-se traídos pelos publicanos. A reputação dos publicanos era mesmo ruim, conhecidos como ladrões, avaros e sem coração. Para não serem contaminados, os fariseus e outros religiosos se recusavam a conviver com eles. Zaqueu era um destes que tinha sua vida, sua alma totalmente contaminada pela corrupção.

Só quando Jesus Cristo é recebido como um Salvador pessoal é que a salvação vem à alma. O desejo da parte de Zaqueu (Lucas 19:1-10) em restaurar e dar àqueles em necessidade era uma indicação de que ele já havia aceitado essa salvação. Mas o que dizer sobre o próximo dia? Nessa história Jesus disse: Hoje

6 É no Evangelho de Jesus segundo Lucas que se encontra a história de Zaqueu, um homem pequeno e com uma história intrigante. Tem todo um drama da vida real e um lado cômico. E tem um convite profundamente espiritual para um verdadeiro seguidor de Deus.

Eu devo habitar em tua casa. Uma vez que você aceitou a salvação, desceu de seus galhos e permitiu que Jesus fosse Aquele a ser levantado, devendo ouvir outra vez, e a cada dia: Desce depressa hoje – desce depressa amanhã – desce depressa cada dia, descendo e deixando Jesus habitar em sua casa. Não é suficiente aceitá-Lo apenas uma vez. Não importa quão grande seja nossa necessidade. Jesus quer habitar e permanecer conosco.

Zaqueu tinha conhecimento das leis descritas no livro de Levítico cap. 6 onde a ênfase estava na exigência da reparação do dano causado, além da apresentação do sacrifício. Quando o crime era de roubo, extorsão, ou abuso de confiança, e retenção de coisas achadas e que houve apropriação sem se preocupar quem era o seu proprietário, deveria imediatamente haver restituição. Isto demonstra claramente que o perdão de nossos pecados por Jesus não significa a exclusão da nossa responsabilidade. Por recebermos a instrução do Espírito Santo, iremos reparar todo o mal que tivermos praticado contra o nosso próximo. Não basta, portanto, apenas confessar o pecado ou pedir perdão, tem que haver reparação.

Como Jesus Tratou os Gentios

Gentio é a tradução da palavra hebraica goym ou gojim que indica quem não é judeu ou israelita. Com muitas variações aparecendo mais de 550 vezes na Bíblia. Por isso que Paulo é chamado apóstolo dos gentios porque levou o Evangelho para fora de Israel, ensinando sobre Jesus aos pagãos, aos gregos e romanos, a não-judeus. Paulo não era gentio, mas judeu, como podemos ler na sua carta aos Filipenses além de ter comprado o título de cidadão romano.

Em Lucas 7:2-10 Jesus ficou maravilhado com a fé de um ⁷centurião. Foram duas as ocasiões específicas em que Jesus Se admirou, ou maravilhou-Se e por razões opostas. Nesse texto Ele maravilhou-Se diante da fé de um “de fora”. No outro caso, Ele admirou-Se pela falta de fé dos “de dentro”, ou seja, as pessoas religiosas do seu tempo. O Centurião não apenas era um gentio; ele era um romano. Os romanos no tempo de Cristo eram o tipo de pessoa que pararia você na rua se estivesse frio e bem provável que pegaria seu casaco. Se um romano tivesse carregando algum peso, forçaria algum judeu a carregá-lo. Em uma lista de homens de fé, dificilmente colocaríamos um Centurião. Quando lemos com atenção o desfecho desta história ficamos maravilhados quando Jesus ouviu sobre o servo do centurião na situação de acamado beirando a morte. Ele disse sem hesitação: “Eu irei e o curarei.”

Muitas vezes algumas pessoas se recolhem em seu mundo cristão e não conseguem enxergar a fé em outras pessoas que não são “crentes”. É preciso parar e começar a compreender que tem milhares de pessoas que nunca levantaram a mão em uma igreja após ouvir uma mensagem seguida de um “apelo”. Muitas nem sequer entraram em uma igreja evangélica, nunca foi abordada por alguém em um dia de evangelismo da sua igreja, mas que por sua fé, recebeu muito mais bênçãos que você. O que Jesus faz é

⁷ No exército romano, a maior unidade era uma legião composta de 6.000 homens. Cada legião era dividida em dez coortes de 600 homens cada, e cada grupo tinha seis divisões de 100 cada. Estes foram chamados de “séculos”, com um centurião sobre cada um. Este centurião descrito no texto era o chefe romano de uma grande área, tinha prestígio e autoridade. Até mesmo os anciãos dos judeus estavam sob sua jurisdição.

olhar para dentro de um indivíduo, e após enxergar verdade, sinceridade, compromisso com o bem estar do outro e humildade para reconhecer que Ele pode tudo, logo responde: Vou realizar seu desejo. Meu querido(a) a graça de Deus é infinita.

Como Jesus Tratou as Mulheres

As Mulheres em Israel eram consideradas em todos os termos inferiores aos homens. O marido tinha absoluta autoridade sobre sua mulher e era ele chamado de *baal*, seu “*senhor*” (o verbo tem o sentido de *dominar* ou *casar*). Era também chamado de seu “*proprietário*” assim como era dos seus filhos, dos seus escravos e dos demais bens. Ainda nos tempos de Jesus as mulheres só podiam sair de casa ou realizar certas atividades se o marido permitisse. Eram até impedidas de estudar a ⁸Torá e muitas delas não podiam lecionar, abençoar a comida ou servir de testemunha.

Atualmente muitos autores têm descrito Jesus como um defensor das mulheres. Isso é verdade, de acordo com o relato dos sinóticos. Não era comum naqueles dias ser defensor dos direitos femininos, mas Jesus lidou com isso de forma brilhante, onde as mulheres do seu tempo receberam da parte Dele toda a atenção que aquela sociedade se omitia. O relacionamento de Jesus com as mulheres, poderíamos chamar de algo admirável. Ele tratava as mulheres iguais aos homens em todos os aspectos. Nenhuma palavra de depreciação, menosprezo sobre as mulheres jamais saiu de seus lábios.

8 Conjunto dos primeiros cinco livros da Bíblia, e a base da religião judaica. Outro nome que os cristãos dão à Torá é Pentateuco. A palavra hebraica para Torá significa lei, ensino ou instrução. A Torá também pode significar todo o ensino judaico.

“Como o Salvador que Se identificava com os cansados, sobrecarregados e oprimidos, Ele falava às mulheres e sobre as mulheres com completa liberdade e afabilidade.” Foram inúmeros encontros com mulheres pecadoras, doentes, desprezadas e podem acreditar vítimas de crueldades que também existia naquele tempo. Os Evangelistas nos deram a oportunidade de conhecer alguns episódios que nos traz preciosas lições. Jesus com a sua mãe, Com a mulher samaritana quando passava por Samaria, o ir atender a família de Jairo, ao ser tocado por uma mulher que sofria a muitos anos de uma hemorragia, A adoração de uma mulher que derramou perfume sobre Ele e o primeiro encontro com Maria Madalena após Sua ressurreição.

Uma última experiência de Jesus e Seu relacionamento com as mulheres aconteceu no caminho do Calvário. Um grupo grande de mulheres estavam chorando. Talvez não tiveram oportunidade de terem muito contato com Jesus antes, devido a própria exclusão de muitos homens, mas os seus corações foram tocados com Seu sofrimento. Deveríamos sim ter mais homens como essas mulheres! Homem como Simão, o Cireneu, que não pôde ficar quieto quando viu um homem sofrendo sob uma cruz. Jesus as percebeu. Nenhuma ocorrência é relatada nos evangelhos de alguma mulher que tratou Jesus com hostilidade, mas sempre que foi tratado assim foi e em muitas vezes por homens, e homens religiosos. Jesus nunca hesitou em ministrar às mulheres. Ele demonstrou que é possível associar-se com as mulheres em um elevado plano espiritual. Isso nos remete ao fato das mulheres hoje estarem tão envolvidas na vida ministerial da igreja. Um Ministério Pastoral bem sucedido é aquele onde as

mulheres tem participação efetiva em todas as ações da igreja. Nesse ponto você poderia me perguntar: “Você concorda com Ministério Pastoral feminino”? Minha resposta: Sim! Porém é preciso pontuar também o que as Escrituras Sagradas têm pra responder a sua pergunta.

Não encontramos no Antigo Testamento, na Lei de Deus, nenhuma mulher sacerdotisa, mas encontramos mulheres com função civil, Juíza, profetiza (tanto que profeta não era ofício). Deus levantava profetas para levar o povo ao arrependimento. Ofício sacerdotal sim, era algo para os homens, eram ungidos para tal. Mas será que no Novo Testamento podemos adotar uma hermenêutica que aponta para o Ministério pastoral feminino? Minha resposta para essa pergunta não está em minha própria forma de pensar ou mesmo levantar quaisquer polêmicas e fomentar algum pensamento machista, mas somente fazer uma pequena abordagem teológica do assunto. É fato que no ministério de Jesus, o vemos dando apoio às mulheres, mesmo que até, foram as mulheres que praticamente “sustentaram” seu ministério. Em nenhum momento conseguimos vislumbrar o Mestre chamando alguma mulher para exercer quaisquer trabalhos diretamente ligados a liderança no sentido pastoral. Outro ponto que merece destaque está descrito no capítulo 6 de Atos dos Apóstolos. Nesse ponto foram escolhidos diáconos, homens para cuidar das viúvas.

Eu particularmente acho até que esse deveria ser um serviço para mulheres, mas foram separados homens para isso. Por mais que as mulheres exerçam um papel fantástico, até muitas ve-

zes melhor que muitos homens na igreja, até consideradas pela comunidade ali reunida como sua pastora, a função eclesial da família e da igreja era separada para os homens. Vemos nas escrituras que Deus concedeu diferentes funções para os homens e as mulheres. Paulo em suas cartas pastorais não deixa claro à ordenação de pastoras, contudo eu sou sim a favor das mulheres no Ministério, porém a ordenação delas é algo ainda questionado porque que não está tão clara nas escrituras, necessitando um estudo mais profundo, uma releitura e uma melhor interpretação sem ferir princípios sagrados. Agora vou te dizer o porquê em concordar que se ordene “Pastoras” contrariando uma grande parte de pastores e teólogos contemporâneos.

O ofício principal de um sacerdote no Antigo testamento era representar um grupo de pessoas em rituais religiosos, com o objetivo principal de restabelecer a comunhão entre Deus e os homens. O sacerdote oferecia os sacrifícios pelos pecados das pessoas e realizava outras cerimônias religiosas, como atos de purificação. Também cabia ao sacerdote a orientação e até ao ensino de como as pessoas deveriam viver para agradar a Deus. Jesus veio para ser nosso Sacerdote, pois com a sua morte na cruz, Ele ofereceu o sacrifício perfeito pelos nossos pecados, providenciando assim o perdão para todo aquele que Nele crê (Hebreus 9:13-14). Ele nos purifica do pecado e nos torna limpos e aceitáveis diante de Deus Nosso Pai.

Paulo escreve a Timóteo 2:5 em sua primeira carta pastoral que Jesus é o único e verdadeiro mediador entre nós e Deus. Ele é, portanto, o sacerdote perfeito, sem pecado. Jesus é nosso sa-

cerdote porque Ele também nos orienta nos ensina e nos ajuda a viver para agradar a Deus e ao próximo. Jesus é superior aos sacerdotes do Antigo Testamento porque Ele faz tudo isso e consegue por Ele mesmo transformar nossos corações.

O ofício sacerdotal no Antigo Testamento era inteiramente cerimonial, mas o ofício de Jesus é prático e muda por inteiro a nossa vida. Portanto, temos agora um novo tipo de sacerdote, simples assim. Por causa de Jesus todo o cristão passa a ser um sacerdote. Todos os cristãos podem entrar na presença de Deus para adorá-lo. Todos os cristãos podem apresentar e representar outra pessoa ou grupo a Ele. Não precisamos mais ficar de fora, com medo, pois agora somos o verdadeiro templo. Jesus nos credenciou para podermos servir como sacerdotes de Deus (1 Pedro 2:9). Podemos oferecer sacrifícios a Deus com o nosso louvor e obediência, isso porque, não vivemos mais para o pecado. Assim, como o sacerdote do Antigo Testamento hoje todo o cristão pode atuar na promoção da reconciliação com Deus pelo perdão dos pecados. *“Pois todos quantos em Cristo fostes batizados, de Cristo vos revestistes. Não há judeu nem grego, escravo ou livre, homem ou mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus. E, se sois de Cristo, então, sois descendência de Abraão e plenos herdeiros de acordo com a Promessa.”* (Gálatas 3:27-29). Se concordar diga Amém!. Se não, em nome de Jesus vamos manter nossa comunhão.

Poderia ficar aqui trazendo uma série de exemplos de como Jesus tratou com dignidade, compreensão e cuidado com seus discípulos, nos momentos em que Ele precisou se enérgico, foi com certeza, para criar autonomia, responsabilidade e zelo pela

causa do Reino de Deus. A igreja precisa da mesma forma ter esse comportamento para com todos os membros, a fim de, construir maturidade espiritual e compromisso com o resultado que a igreja Pretende alcançar em seu local de atuação, assim também, como para o mundo.

Como Jesus tratou Líderes religiosos

Jesus também tinha um relacionamento fantástico com alguns líderes religiosos do seu tempo. Dois grupos religiosos se destacaram: os Fariseus e os Saduceus. Quem eram os fariseus? Conservadores, tradicionalistas, legalistas e rígidos ao extremo. Lutavam com todas as forças para manter os padrões, doutrinas e práticas da igreja e defendiam a salvação pelas obras. Já os saduceus eram os liberais dos dias de Jesus, embora um pouco legalistas. Confirmavam a heresia dos fariseus em alcançar a salvação pelos seus próprios esforços, seus próprios méritos. Os saduceus proclamavam crer no princípio “⁹sola scriptura”, em oposição aos fariseus que apoiavam abertamente algumas de suas doutrinas pela tradição.

O ¹⁰Sinédrio era composto por quase em sua totalidade por esses dois grupos. Muitas vezes Jesus foi abordado por esse tipo

9 Um dos termos usados na Reforma Protestante, afirmando que é somente as Escrituras, autoridade e regra de fé e prática para o cristão (2 Timóteo 3.16-17). Significa que a Escritura está acima da tradição, acima da Igreja, acima dos concílios e de qualquer outra autoridade que conhecemos.

10 Autoridade máxima dos judeus, palavra derivada do grego *Sinedrion*, que significa “assembléia”. Um conselho com poder político e religioso composto por 70 pessoas, representantes de três setores da sociedade: Membros das famílias mais ricas, os saduceus (classe sacerdotal) e os fariseus (estudiosos da Torá). Muitos eram escribas, a pessoa responsável pela elaboração dos manuscritos bíblicos.

de pessoa, e em todas as vezes, eu disse: “todas as vezes”, Ele nunca ficou batendo boca, discutindo religião, tentando convencê-las de alguma verdade, se colocando como único detentor da verdade (se bem que Ele é a verdade), pelo contrário, Era tolerante, compreensivo, sabia ouvir e expressar sua opinião sem ofensas. Um Ministério Pastoral de sucesso, caminha de forma paralela a esse exemplo sensacional de como obter respeito e em nada encontrar acusação, pelo contrário, será como um imã, ou seja, um objeto poderoso para atrair as pessoas a Cristo. Da mesma forma foi assim que Jesus tratou a multidão, e qualquer que fosse a pessoa nos seus dias. Nos dias de Jesus não se engane, tinha muitos homossexuais, ateus, muitas correntes e movimentos religiosos como hoje, políticos corruptos? Sempre teve, mas tinha e tem até hoje, muita gente honesta, responsável com a sociedade, cidadão de bem, mesmo sem estar em uma igreja. Sendo crente ou não, o pecado não pode ser tolerado, mas o pecador seja quem for, deve de acordo com as Escrituras ser sempre o alvo do nosso amor. O amor tolera e é paciente.

O ultimo elemento que quero destacar no Ministério de Jesus é a **Transformação**. Um ministério pastoral de excelências promove transformações na vida de sua congregação. Quando voltamos ao exemplo da mulher do fluxo de sangue, é possível verificar que a mesma tocou na vestimenta de Jesus, curando-se, transformando sua vida. O contato da mulher com Jesus, literalmente, transformou sua vida, pois depositou o que ainda tinha como esperança na pessoa certa, O Supremo Pastor.(WOOD, 2010).

Os pastores precisam levar Cristo ao seu rebanho, os membros precisam viver o Cristo apresentado pelo seu pastor, a igre-

ja precisa guardar e cultivar a presença de Cristo em todas as suas ações, pois somente através Dele, Jesus Cristo, a transformação na vida de alguém é possível. Essa tarefa embora seja difícil, não é impossível. Um dos caminhos está no próprio testemunho do pastor, seu exemplo de relacionamento com Jesus. Um pastor que ama a Cristo terá uma congregação que também o ama, um pastor que demonstra atitudes corretas será rodeado de membros dotados de boas ações. Uma parábola que descreve os três aspectos apresentados do Ministério de Jesus Cristo é a do “Bom Samaritano”.

As parábolas têm a função de revelar uma história se valendo de elementos da vida cotidiana das pessoas com a intenção de ilustrar, ou trazer à luz um princípio espiritual. “as parábolas de Jesus são uma forma concreta e dramática de linguagem teológica que força o ouvinte a reagir. Elas revelam a natureza do reino de Deus e/ou indicam como um filho do Reino deve reagir”. É fundamental, quando estudamos uma parábola, pensar nos objetivos dela e o que podemos explorar como lição para a transformação de vida.

Nos tempos de Jesus, o clero era composto por oficiais do templo, como sacerdotes e levitas, o que não era um número pequeno, que se revezavam em grupos e em turnos nas atividades litúrgicas, ritualísticas. Considera-se que os sacerdotes e levitas eram pessoas extremamente zelosas no cuidado com as coisas sagradas, sendo, desde o Deuteronômio, separados para isso. As pessoas buscavam nesses oficiais da religião judaica o exemplo da demonstração clara do amor de Deus para com o homem.

Hoje a igreja também busca na pessoa do pastor (a) exemplo de demonstração clara de amor e entrega. Em Lucas 10:25-37 a tentativa do intérprete da Lei de colocar Jesus em dificuldade fracassou. Ele percebeu claramente o vexame que sofrera com a liquidação de sua pergunta e não interrompe o diálogo. Com a intenção de não deixar transparecer que não cumpria a síntese da Lei, ele pergunta: “quem é o meu **“próximo”**?”. Jesus responde por meio de um exemplo concreto e prático contando uma parábola. Jesus fala de um homem, cuja nação e religião não são citadas que, descendo de Jerusalém a Jericó e após ser vítima de salteadores, fica caído muito ferido, “semimorto”. Um sacerdote desceu o mesmo caminho para Jericó. Quando ele chega ao local, vê claramente a cena, mas passa pelo outro lado. Rienecker (2015) afirma que a formulação original do texto permite-nos reconhecer a crueldade e a dureza da falta de misericórdia do sacerdote. Nessa aflição, um sacerdote teria sido a última pessoa de quem se esperaria o não cumprimento dos mandamentos divinos. O levita teve o mesmo comportamento não demonstrando compaixão.

Essas atitudes podem ser um exemplo de que a escravização a opiniões doutrinárias e tradições humanas podem levar a transgressão dos mandamentos de Deus (Mt 15, 6). Muitos desentendimentos no Ministério pastoral são provenientes de problemas doutrinários, infelizmente.

Rienecker (2005) explica que o proprietário da hospedaria, com certeza, era judeu, do contrário nenhum judeu em trânsito teria se hospedado com ele. E o assaltado também era judeu, do

contrário o hospedeiro teria rejeitado a petulância do samaritano em pedir que cuidasse dele. Neves (2013) explica que Jesus usou o método socrático ao dialogar com o intérprete da Lei, ou seja, respondendo uma pergunta com outra pergunta. “Uma pausa para te alertar”. Ao se fazer uma leitura na Bíblia, atenta para as seguintes questões: Como está escrito, como se lê, como se interpreta e quais ferramentas está se apropriando para interpretar. Continuando... O especialista da Lei cita os dois textos do Pentateuco em sua resposta: (Lucas 10:27) “*Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo.*” Transmite” nesse ponto temos a compreensão de que é possível, com um só verbo, com uma só ação, obedecer aos mandamentos. Isso denota que Deus e o “próximo” são como duas faces da mesma moeda do amor. O amor a Deus é o elemento interno que se vê na prática externa do amor ao próximo. O amor a Deus exige total devoção, unindo coração, alma, força e entendimento. Já o amor ao próximo, implica total identificação, ou seja, “como a si mesmo”.

Para Neves (2013), a parábola mostra que a prática do amor não tem limites. É a necessidade do outro que diz o que precisa ser feito e até que ponto se deve amar. O amor quebra todas as fronteiras. O samaritano não quis saber quem era o homem ferido, se era judeu ou não. O próximo é, então, qualquer pessoa que encontramos e vai além, qualquer demanda que está ao nosso alcance, não se limita somente a uma pessoa, mas tudo que precisa ser feito para a promoção de uma melhor qualidade de vida das pessoas.

Quando Jesus termina de contar a parábola e lança a pergunta: “qual destes três te parece ter sido o próximo do homem que caiu nas mãos dos salteadores?” (Lc 10, 36), o intérprete da Lei, como qualquer outra pessoa, responderia a mesma coisa: “o que usou de misericórdia para com ele” (Lc 10, 37). Comungo com as ideias de Neves que recorre à clássica interpretação do Padre Antônio Vieira, que diz sobre três compreensões diferentes na parábola que condicionam o nosso ser e o nosso comportamento: o ladrão pensava “o que é seu é meu”. O sacerdote e o levita compreendiam a vida entendendo que “o que é meu é meu”. O Samaritano entendeu e praticou “o que é meu é teu”, e repartiu não só o seu coração, mas também o seu **tempo**, seu **toque** e a **transformação** vista no exemplo prático desse que até então era rejeitado pelos judeus. A palavra final de Jesus foi: “vai e procede tu de igual modo” (Lc 10, 37).

A prática do amor não tem limites. É a necessidade do outro que diz o que precisa ser feito e até que ponto se deve amar. O amor quebra todas as fronteiras. Em qualquer lugar que nos encontremos, nosso caminhar só terá sentido se os nossos passos estiverem paralelos aos do bom samaritano. As atitudes do sacerdote e do levita põe um sinal de alerta, no sentido de que o Ministério pastoral deve andar acima de tudo de forma amalgamada com suas ações. Padilha (1992) afirma que “a palavra e a ação” estão indissolivelmente unidas na missão de Jesus e de seus apóstolos, e devemos mantê-las unidas na missão da Igreja, que tem a missão de dar continuidade à missão de Jesus até o fim. De acordo com a vontade de Deus, a igreja é chamada a

manifestar o reino de Deus aqui e agora, tanto através do que faz, como do que proclama. Henri (2014) em sua análise nos compara com pobre viajante da parábola que foi violentado. Satanás, o nosso inimigo, nos rouba algumas vezes e até produz ferimentos em nós. O pecado nos causa sérios danos, mas Jesus, o Bendito, compadeceu-se de nós e está sempre presente nos momentos de dor e de perdas.

O cristão considera que Jesus o amou, e deu a sua vida por ele, quando era inimigo e rebelde; e tendo-lhe mostrado misericórdia, exorta-lhe que vá e faça o mesmo. É o nosso dever diário, segundo a nossa capacidade, socorrer, ajudar e aliviar todos aqueles que estejam em apuros e necessitados. Em se tratando de como deve ser o relacionamento dentro da própria comunidade é só direcionar o nosso olhar para o livro de Atos dos Apóstolos, onde muitas foram as características que se destacaram na igreja primitiva, contudo, não podemos esquecer do fato de desfrutarem relacionamentos saudáveis: A igreja tinha a comunhão dos membros entre si e com o Senhor. Lembre-se: Quem está em Cristo, crucificou a sua natureza humana, carregada de suas obras, desejos e paixões pecaminosas (Gl 5.24). Não quero dizer que o crente seja perfeito ou esteja isento de cometer pecados ou até comprometer seus relacionamentos. Mas, como possui uma nova natureza, está em perfeitas condições de se auto avaliar e, com a graça do Jesus Cristo, restaurar seus relacionamentos.

CAPÍTULO 3

A ÉTICA NO MINISTÉRIO PASTORAL

Os pastores são em primeiro lugar, servos do Deus Santo e Eterno, e o seu padrão ¹¹ético deve ser superior a qualquer outra profissão que existe no mundo. Não estou aqui nivelando o ofício pastoral como mais uma profissão, mas que o Pastor deve viver seu ministério como vocação divina e a mais excelente de todas as demais atividades do ser humano. O Apóstolo Paulo em suas instruções a Timóteo disse o seguinte: *Seja um exemplo para os fiéis na palavra, no seu comportamento, no amor, na sua fé e na integridade* (1 Tm 4.12b).

Posso parecer simplista demais em lembrar que o Pastor deve considerar a Bíblia como única regra de fé e prática, e usá-la sempre como a diretriz no seu ministério. Precisa manter-se atualizado no seu pensamento teológico, na cultura, tendo a Bíblia não como a única ferramenta, mas o eixo central que norteia toda a sua vida. Nem precisa dizer isso aqui, mas o Pastor, como líder espiritual e moral da sua comunidade tem que ser a principal referência de conduta e um exemplo de integridade em

11 Ética deriva do grego *ethos* (caráter, modo de ser de uma pessoa). É um conjunto de valores morais e princípios que norteiam a conduta humana, para que haja um equilíbrio e bom funcionamento social. É construída por uma sociedade com base nos valores históricos e culturais. Do ponto de vista da Filosofia, a Ética é uma ciência que estuda os valores e princípios morais de uma sociedade e seus grupos.

seus relacionamentos diários. Seu nome passa ser o nome da sua igreja e tudo que envolve seu nome, envolve a igreja e em consequência disso, envolve diretamente o Reino de Deus. Quando falo dos relacionamentos diários do Pastor estou também dizendo de seu relacionamento principalmente com as pessoas do sexo feminino. (1 Tm 5.1,2; 1 Ts 4.3-7). É razoável também dizer da preocupação que as pastoras também devem ter no seu tratamento quando com o sexo masculino.

Como servo de Cristo deve o pastor zelar pelo decoro do púlpito, bem como por seu preparo e fidelidade na comunicação da mensagem de Deus. Quando estiver pregando no altar ou preparando seu sermão, é indispensável e ético mencionar as fontes que se utiliza. Eu muitas vezes já ouvi sermões em outras igrejas que visitei e como a mensagem naquele dia falou muito ao meu coração, logo tratei de anotar os pontos que de fato tocaram em mim e no momento em que preparo o sermão para pregar em minha igreja, reservo um espaço para mencionar quando e de onde Deus me deu a mensagem. Não acho errado pregar sermões prontos desde que o pregador deixe clara a fonte da sua mensagem e acima de tudo permitir a direção e unção do Espírito. Considero sim muito errado, o pregador que cresce em seu ministério se valendo do trabalho de pesquisa, da entrega e dedicação de outro pastor. Dentro desse contexto de Ética no Ministério pastoral é preciso abordar nem que seja breve a relação de fidelidade com a sua denominação. Lealdade a qualquer custo, mas nada pode comprometer a eficiência de seu exercício na Igreja que inclui: Imprimir o espírito de altruísmo e participação em todos os membros.

CAPÍTULO 4

O MINISTÉRIO PASTORAL NOS DIAS ATUAIS E A NECESSIDADE DE SEU REDESCOBRIMENTO PARA O CRESCIMENTO DO REINO DE DEUS.

O Ministério Pastoral é um tema bastante difuso na contemporaneidade, além de ser um dos temas mais relevantes no que concerne à igreja Cristã; para uns um dom puramente divino, o qual ocorre muito mais no campo espiritual do que no próprio saber teológico, para outros, a aquisição de conhecimentos gerais bem como o a teologia propriamente dita são pressupostos importantíssimos para que haja a formação de um bom pastor, que saiba conduzir de maneira coerente seu rebanho, ou seja, os membros da igreja, sempre baseado nos preceitos bíblicos e divinos (MISTER, 2006).

No Ministério Pastoral, o pastor tornar-se um enviado por Deus, Chamado por Deus em apontar e criar pontes para que haja suprimentos nas necessidades dos membros de uma determinada congregação nas mais diversas áreas da vida humana e social, como a financeira, conjugal, psicológica, moral, entre outros. Sendo que, todas essas áreas envergam-se para o campo

espiritual, ou seja, para um bom relacionamento com Deus e uma vida espiritual aos moldes do sistema cristão, é necessário que haja toda uma conexão entre essas áreas citadas, bem como um equilíbrio a partir dos mandamentos divinos (LIBÂNEO, 2002). Diante disso, é que o Pastor atua, no sentido de dar suporte espiritual através de conselhos, orações, encaminhamentos, trata-se muito mais que um porta-voz de Deus, sua função é de cuidado, amor, e, compaixão pelos perdidos, aqueles que ainda não estão em Cristo, e suas ovelhas (LOUREIRO, 2016). Jesus é o “Grande Pastor” (Hb 13.20), o “Supremo Pastor” (Pe 5.4). Só Ele resume em si todo o Ministério Pastoral (Jo 10.11). Mas antes da sua vinda, bem como após Sua ascensão, Ele o delegou a seus ministros. Ministro algum é pastor por si mesmo ou por vontade do rebanho. Ele é pela graça, sob vocação e ordem do Senhor e supremo Pastor do rebanho (Ef 4.11). Ministério Pastoral exige não apenas coragem, mas também senso de responsabilidade, de amor e paciência, de alegria e de abnegação, de ordem e humildade.

Dentre uma variedade de serviços em que está sujeito, disse a pouco que o Pastor atua, no sentido de dar suporte espiritual através de conselhos, orações e o que foge de sua competência em todos os níveis, cabe a ele a tarefa de indicar outras fontes para que sua ovelha ou não possa ser acolhida. Infelizmente muitos hoje entram em uma seara espiritualista demais, o que é isso? Espiritualiza tudo. Tudo para ele é espiritual, consegue ver o diabo em tudo, seja o mais simples problema o culpado é sempre o diabo. Por não buscar investir em uma melhor qualificação

no que se refere ao conhecimento das Escrituras e ficar preso somente na ideia “O Espírito Santo me revela” acaba ao invés de ser benção, se torna impedimento no crescimento qualitativo do rebanho. Deus nos agraciou com excelentes profissionais nas áreas principalmente da psicologia e da psiquiatria e faz se necessário compreender que, o que é de nível espiritual Deus trabalhará também no mesmo nível espiritual através do seu Ministro, o pastor. Deus também usará aqueles que também são seus instrumentos, profissionais da saúde, da educação, da segurança dos demais serviços sociais presentes em sua comunidade local. Isso me remeta à ¹²Missão Integral da igreja onde se vê o homem como um ser integral. “*O evangelho todo, para o homem todo, pelo mundo todo*”. É preciso haver diálogo entre a igreja e todos os outros seguimentos da sociedade, isso inclui também a política, que mesmo a igreja ser totalmente separada da política, é preciso haver uma participação com a intenção de que o evangelho seja algo concreto na vida do cidadão. Essa falta de compreensão por parte da Igreja desvaloriza não somente o ser humano, mas também o próprio evangelho que urgentemente precisa ser proclamado ao mundo.

Dentre essas questões que perpassam o ministério pastoral, existem aquelas que, atualmente, vem sendo profundamente discutidas e divulgadas, que são os escândalos que desestabilizam o ofício pastoral em duas instâncias, tanto dentro das igrejas com

12 Missão Integral foi um movimento de caráter evangelical que eclodiu na década de 70 liderado principalmente por teólogos e missiólogos latino-americanos. Entre as figuras mais importantes do movimento, estavam René Padilla, Samuel Escobar, Pedro Arana, Valdir Steuernagel, Dr. John Stott, e muitos outros.

os membros que fazem parte da comunidade cristã, bem como aqueles que não fazem, entretanto, são sujeitos em potencial para vir a fazer parte (SILVA, 2014). Tais escândalos causam desordem na comunidade cristã e, também, naquelas que estão associadas diretamente ou indiretamente.

Em minhas experiências na liderança de igreja infelizmente muitos foram os assuntos em reuniões onde um dos itens da pauta era resolver questões de afastamento de pastores por assédio, por adultério, por desviar dinheiro da igreja para benefício próprio, por violência contra o seu cônjuge. Confesso que sempre foi muito difícil tomar decisões mesmo diante de provas muito claras. Procurava adicionar à balança da minha decisão algumas interrogações: A igreja sempre foi presente na vida do seu pastor? Onde estavam os seus intercessores? Durante seu pastoreio seus liderados o visitavam? Como estava a vida de oração da igreja? Pensamentos iam e viam à minha mente enquanto olhava para o rosto deles, um sentimento também de culpa vinha até mim, e eu me perguntava: Onde eu estava enquanto ele caía? Tais escândalos davam origem a um esfriamento terrível na igreja. Muitas pessoas por tomarem conhecimento, saíam e não mais voltavam, abandonavam seus ministérios devido a decepção, outras ainda com o coração duro, clamava por justiça e declaravam abertamente sua revolta e com as mãos cheias de pedras só aguardava o momento certo de atirá-las.

Não foram poucas vezes que as decisões passavam pela porta da igreja e desabava do lado de fora em razão da imaturidade de alguns que exalavam um veneno mortal, contaminado e es-

candalizando mais ainda o Evangelho. Há outros escândalos em outra instância: Os cometidos fora da igreja e que a mídia divulga se tornando público em fração de segundos. Pastor mergulhando na corrupção política do país sendo alvo de investigação por desvio de dinheiro público, pastor suicidando, furtando e até chefiando quadrilha. Mais uma vez eu confesso: Onde eu estou e o que estou fazendo enquanto muitos homens de Deus estão debaixo de tempestades como estas? Como pastor preciso vigiar, como pastor preciso orar mais por eles, como pastor preciso tolerar mais, respeitar mais, compreender mais, ficar mais perto do meu rebanho, aprender a ouvir, falar menos, amar mais. Não quero de maneira alguma fomentar discussão no campo do caráter, personalidade, da índole, ou quaisquer outros comportamentos anticristãos que o pastor tenha enveredado nele, nem ser advogado daquele que por falta de vigilância pecou, uma vez que, estamos falando de cuidado, amor e compaixão.

Precisamos rever não apenas o papel do pastor no ministério, mas, tentar resgatar seu valor diante da igreja e da sociedade como um todo. Para isso, é necessário entender que o pastor está sujeito a falhas como qualquer outro cristão e não cristão (CAVALCANTI, 2017). O pastor carrega sobre os ombros a responsabilidade da vida de suas ovelhas, tornando-se um ofício cansativo nas suas mais diversas instâncias, principalmente psicológica e espiritual. Portanto, não cabe apenas ao pastor entender e saber sobre todos esses desafios que sempre vai enfrentar, é importante que a Igreja, como corpo de Cristo entenda que a missão do evangelho é para todos (SILVA, 2014). Dentre ou-

tras questões, faz-se necessário entender que a sociedade mudou, principalmente com o advento midiático e da globalização. Tais mudanças ressonam na igreja e no seu posicionamento para com o mundo. Toda essa era da informação acaba entrando no seio cristão, fazendo dele algo diferente, e proporcionando perspectivas positivas e negativas, como podemos vislumbrar nos ensinamentos de Andrade (2015, p. 12).

Em tempos de pós-modernidade a criatividade pode as vezes sair dos parâmetros convencionais, mas nunca poderá sair dos princípios doutrinários estabelecidos na Bíblia. Este é o maior desafio para a prática pastoral, criatividade e zelo doutrinário. Pois ambos são importantes e não podem ser negligenciados pelo ministério pastoral, e ainda devem ser consideradas prioridades no século 21.

Sendo assim, o culto toma outras características e proporções; atividades artísticas como dança e teatro são incorporados na liturgia, e, treina-se toda uma ação performática para que o pastor, diante do público, tenha sucesso persuasivo nos discursos pregados. Os quais muitas vezes não se baseiam na palavra divina, mas no simples movimento de tentar encher os cultos (CAVALCANTI, 2017). Os cultos transformam-se em espetáculos, que, como foi mencionado, utiliza-se de estratégias para chamar os jovens: danças, teatros, música, esportes, e os adultos com jantares para casais, na promessa de uma vida financeira próspera (LOUREIRO, 2016). Por isso, é importante vigiar sob quais fundamentações os pastores estão pautando seus cultos e

congregações. E, ainda, questionar as imagens que são veiculadas sobre o pastor, a igreja e, muitas vezes em último caso Deus (MISTER, 2006).

Surgiu nos últimos anos uma onda de viagens de líderes religiosos a Israel em busca de uma instrumentalização sacramental, ou seja, uma importação de objetos ditos como: “Água consagrada no Rio Jordão”, “Terra do monte Sinai”, “Óleo do vale de Hermon” e uma variedade de outros materiais com o objetivo de atrair fiéis e bater a meta estabelecida nas campanhas milionárias de determinados ministérios. Eu realmente não encontro nas escrituras uma base teológica que apoia tais comportamentos, pelo contrário, eu só consigo enxergar um Evangelho de entrega e de renúncia para que Deus possa suprir a necessidade do seu povo e não encher os celeiros de riqueza nesse mundo. Eu mesmo não vejo problemas em ungir a testa, as mãos ou qualquer lugar ou objeto que seja como uma manifestação de fé para receber uma bênção ou mesmo libertação de algum mal, apesar de não ter nada nas escrituras que posso me servir para defender tal prática, porém, o que fica desprezível, é o fato de muitos se valerem disso para atrair e difundir heresias, enganando as pessoas. Por que digo isso? Porque tem até aqueles que pregam com lenços nas mãos e à medida que vai pregando, também vai enxugando seu suor e entregando um lenço com o “suor poderoso” do “Apóstolo”. Eu me pergunto: Jesus já fez isso alguma vez? Que poder há no suor de alguém? O poder emana lá da cruz, está no sangue de Jesus vertido na cruz. A presença do Espírito Santo, somada à nossa obediência à palavra de Deus é suficiente para que as bênçãos cheguem até nós.

Estamos assistindo espetáculos demais no altar, pessoas sem comprometimento com a verdade se valendo da fama pastoral. É triste saber que a multidão sedenta por Cristo está sendo arrastada por falsos profetas se valendo da falta de conhecimento das pessoas. O único espetáculo que deve ser propagado, bem como venerado é o evangelho de Cristo, o evangelho da Cruz. É muito importante entendermos também, que a Igreja como corpo de Cristo foi convocada para ser sal e luz diante do mundo, no sentido de transformá-lo, não ser transformada por ele, aceitando posicionamentos, discursos irrelevantes, características impróprias, que são costumeiramente experimentadas no mundo fora da igreja, em seus meandros mais sórdidos (LOUREIRO, 2016).

Quando contrastamos o Ministério Pastoral na atualidade nos questionamos, será que estamos próximos ou distantes do modelo descrito na Bíblia Sagrada? Mais que isso, está os pastores da atualidade seguindo os passos de Jesus em seus ministérios? Essas são questões um tanto quanto óbvias. Podemos verificar que o Ministério Pastoral precisa ser redescoberto tendo como fonte as escrituras sagradas, uma vez que o modelo da atualidade esta cada vez mais distante do orientado por Deus. É preciso salientar que não estamos aqui promovendo uma generalização, pois existem sim, pastores que guiam suas congregações a partir dos ensinamentos de Paulo e do exemplo de Jesus (HEIMAN, 2016). O ponto chave que está em questão é o fato de existirem muitos pastores que, na busca por encher seus rebanhos, acabam distanciando dos ensinamentos bíblicos. Esse fenômeno já era previsto por Paulo.

Ao escrever as cartas pastorais, o apóstolo já sabia que poderiam surgir falsos profetas em nome de Deus. As cartas pastorais são, portanto, um guia para que pastores pudessem guiar seus ministérios. Porém, sem deixar de pensar no ministério de Jesus, o qual deve ser o exemplo máximo para todo cristão. Ademais, é necessário trazer a mente o que a Bíblia Sagrada nos diz sobre vigiar e orar, e que nos últimos tempos levantar-se-ão falsos profetas. Profetas, que, certamente amam, mas não a palavra de Deus no seu sentido mais puro, não o seu rebanho no sentido de conduzi-los a redenção. Perceber, discutir e traçar soluções para tais questões contemporâneas faz-se necessário, para que assim, obtenhamos um Ministério Pastoral nas igrejas cristãs, pleno e embasado, não em modismos, mas puramente na Palavra de Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando fazemos um passeio pela história de Jesus e como era seu comportamento e relacionamento com os discípulos, com a multidão e com as autoridades do seu tempo, percebe-se que o ministério pastoral hoje carece também de elementos essenciais que são visíveis na vida Jesus. Não se trata de esperar que exista um “Super Pastor”, mas que o pastor busque administrar melhor seu tempo para atender as necessidades do seu rebanho, que o pastor esteja mais disponível no seu relacionamento com suas ovelhas, ouvindo mais, estar perto no sentido de conhecer melhor seus problemas, ensinar a conquistar o pão. Ainda, o pastor precisa com sua vida, seu testemunho e exemplo prático no exercício cristão levar Cristo para sua igreja, e não um evangelho fácil demais sem exigência de renúncia da prática do pecado, pois somente Ele, Jesus Cristo, é possível que haja transformação. Os pastores da atualidade estão sendo maridos de uma só mulher, ou até mesmo, as pastoras estão sendo mulheres de um só homem? Há sobriedade? Prudência, respeitabilidade, hospitalidade, estão aptos para ensinar, amáveis, pacíficos, não apegados ao dinheiro, governadores de sua própria família? Estão estes pastores seguindo os passos de Jesus em seus ministérios?

Ao olhar para os ministérios atuais verificamos que os requisitos apresentados por Paulo a Timóteo não tem sido o prisma de muitos pastores. Mesmo que esses requisitos façam parte do

contexto histórico de Paulo eles podem muito bem ser aplicados nos tempos atuais. São requisitos que bem interpretados são necessários à formação de um bom pastor. Assim, asseveremos, portanto, a necessidade de redescobrir o Ministério Pastoral do século XXI no sentido de ir em busca de um Ministério que parece estar encoberto, escondido ou até mesmo perdido em razão desse movimento intenso de sentidos e sensações que tem atravessado a vida dos cristãos e/ou líderes religiosos hoje, resultantes de toda a transformação que o mundo tem vivido. O caminho a ser percorrido deve ser pautado nas Escrituras Sagradas, tanto nos ensinamentos do apóstolo Paulo, como nos exemplos de Jesus e seu relacionamento com o povo da sua época.

Meu desejo e minha oração é que Deus em Cristo Jesus, por sua infinita Graça Te abençoe e Te conceda vitórias e sucesso em seu Ministério.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, José Rivamar. **Ministério pastoral no século XXI: Pastoreando com o coração e liderando com excelência.** Revista Brasileira de Filosofia e História, v. 2, n. 1, 2015.

BAILEY, Kenneth. **As Parábolas de Lucas.** São Paulo: Vida Nova, 1995.

BAXTER, Richard. **O pastor aprovado: Modelo de Ministério e Crescimento pessoal.** Traduzido por Odayr Olivetti. São Paulo: Imprensa da Fé, 1989.

CALDEIRÃO, José Eduardo. **Religiões neopentecostais brasileiras no contexto da sociedade pós-tradicional: uma análise a partir da perspectiva dos pastores.** 2014.

CARSON, D. A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 1997.

DOCKERY, David S. **Manual Bíblico Vida Nova.** São Paulo: Vida Nova, 2001.

DUNN, James DG. **Jesus, Paulo e os evangelhos.** Editora Vozes Limitada, 2017.

HEIMANN, Thomas et al. **Imagem e identidade pastoral: a desidealização do ministério pastoral a partir da teologia da graça proposta por Lutero.** 2016.

HENRI, Matthew. **Comentário Bíblico de Matthew.** Rio de Janeiro: CPAD, 2014.

HÖRSTER, Gerhard. **Introdução e síntese do Novo Testamento.** Curitiba: Esperança, 1996. 197 p.

HUDSON, Lion. **Manual Bíblico SBB**. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

JEREMIAS, J. **Jerusalém no tempo de Jesus**: pesquisas de história econômica-social no período neotestamentário. São Paulo: Edições Paulinas, 1983.

KASCHEL, Werner; ZIMMER, Rudi. **Dicionário da Bíblia de Almeida**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

KISTEMAKER, Simon; DE SOUZA, Eunice Pereira. **As parábolas de Jesus**. Casa Editora Presbiteriana, 1992.

LAUTER, Gabriel Giroto. **UM ESTUDO DOS REQUISITOS PARA O MINISTÉRIO PASTORAL BASEADO EM I TIMÓTEO 3.1-7**. Anais do Salão de Pesquisa da Faculdades EST, v. 12, p. 104-118, 2014.

LIBÂNIO, João Batista. **A religião no início do milênio**. Edições Loyola, 2002.

LOUREIRO, Joaquim Daniel Vieira. **«Convosco sou padre»: o ministério presbiteral no pensamento e ação pastoral de D. António Ribeiro: 1971-1998**. 2016. Tese de Doutorado.

MACARTHUR, John. **Bíblia de Estudo Macarthur**: Almeida Revista e Atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

MACARTHUR, John. **Redescobrimo o Ministério Pastoral**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1998.

MEISTER, Mauro. Igreja emergente, a igreja do pós-modernismo? Uma avaliação provisória. **Fides Reformata**. São Paulo: Editora Mackenzie, v. 11, n. 1, p. 95-112, 2006.

MORRIS, Leon L. **Lucas**: introdução e comentário. São Paulo: Mundo Cristão, 1983.

NEVES, Itamir. **Comentário Bíblico de Lucas**. São Paulo: EDITORA RIDEEL, 2013.

NORONHA, D. P.; FERREIRA, S. M. S. P. Revisões de literatura. **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais.** Belo Horizonte: UFMG, p. 191-198, 2000.

PETERSON, Eugene H. **A vocação espiritual do pastor.** Editora Mundo Cristão, 2006.

PADILHA, C. René. **Missão integral:** ensaios sobre o reino e a Igreja. São Paulo: Temática Publicações, 1992.

PADILHA, C. René. **O que é Missão integral?** Viçosa, MG: Ultimato, 2009.

RIENECKER, Fritz. **Evangelho de Lucas:** comentário esperança. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2005.

SAGRADA, BÍBLIA. tradução de João Ferreira de Almeida. **Brasília: Sociedade bíblica no Brasil,** 1969.

SILVA, Susana Aparecida. Jesus, o Bom Pastor, enquanto fundamento e modelo da ação pastoral em vista da formação do Reino de Deus. **REVISTA DE TEOLOGIA (RevEleTeo).** ISSN 2177-952x, v. 8, n. 14, p. 242-261, 2014.

SILVA, J. I. M. QUALIFICAÇÕES DO BISPO: requisitos para um episcopado paradigmático Um estudo exegético-teológico de I Tm 3.1-7. Trabalho de Conclusão de Curso. 2014

SNODGRASS, Klyne. **Compreendendo todas as parábolas de Jesus.** Rio de Janeiro: CPAD, 2014.

SOUZA, D. V.; ZIONI, F. Novas perspectivas de análise em investigações sobre meio ambiente: a teoria das representações sociais e a técnica qualitativa da triangulação de dados. **Saúde e Sociedade,** v. 12, n. 2, p. 76-85, 2003.

STRONG, James. **Dicionário Bíblico Strong**. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

VENDEN, Morris. **Como Jesus tratava as pessoas**: Tradução de José Carlos Ebling. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1989.

WIERSBE, Warren W. **Comentário Bíblico Expositivo: Novo Testamento**. Santo André: Editora, 2006. Vol. 2, 796 p.

WOOD, George. **Três elementos essenciais do modelo de Jesus para o ministério servem de exemplo de cuidado pastoral para nós**. 2010.